

Página
TRÊS

Novos protestos. Estudantes garantem que movimento continua enquanto reivindicações não forem atendidas. Uma nova reunião já está marcada para a manhã de segunda-feira

Polícia bate... em retirada

GABRIEL LORDÉLLO

Depois do confronto de quinta-feira, governo mudou a estratégia e não reprimiu protesto

DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redgazeta.com.br

Depois das críticas sobre os excessos na atuação da Polícia Militar durante a manifestação dos estudantes na última quinta-feira - em que policiais do Batalhão de Missões Especiais (BME) usaram bombas de efeito moral e tiros de borracha -, o governo resolveu mudar de estratégia e optou pelo não confronto, ontem, quando os estudantes voltaram às ruas. Desta vez, as vias não chegaram a ser totalmente interrompidas em nenhum momento da manifestação.

Policiais militares e agentes municipais de trânsito só acompanharam de longe o protesto, que tomou as avenidas Fernando Ferrari e Nossa Senhora da Penha. Por volta das 18h, quando a manifestação ganhou as ruas, 17 viaturas do BME, dez viaturas da Ronda



BME, dez viaturas da Ronda Ostensiva Tática Metropolitana (Rotam) e 20 homens da cavalaria estavam a postos na entrada da Terceira Ponte para impedir o acesso dos estudantes. Mas, quando os manifestantes se aproximavam, às 19h30, o governo deu ordem para que os policiais se recolhessem no quartel dos Bombeiros, perto dali, na Enseada do Suá.

Temendo conflito, a Rodosol optou por liberar as cancelas e retirar os funcionários das cabines de cobrança, já que a intenção dos manifestantes era deixar livre a passagem dos veículos. A cobrança ficou suspensa durante uma hora e meia. O trânsito no sentido Vila Velha-Vitória chegou a ser interrompido por uma hora.

NOVA MANIFESTAÇÃO

O diretor do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Ufes, Raphael Sodrê, 22, garantiu que o movimento vai continuar enquanto as reivindicações - passe livre para todos os estudantes e redução da tarifa - não forem atendidas. Uma reunião está marcada para as 9h de segunda-feira, na Ufes, para definir os próximos passos dos estudantes.

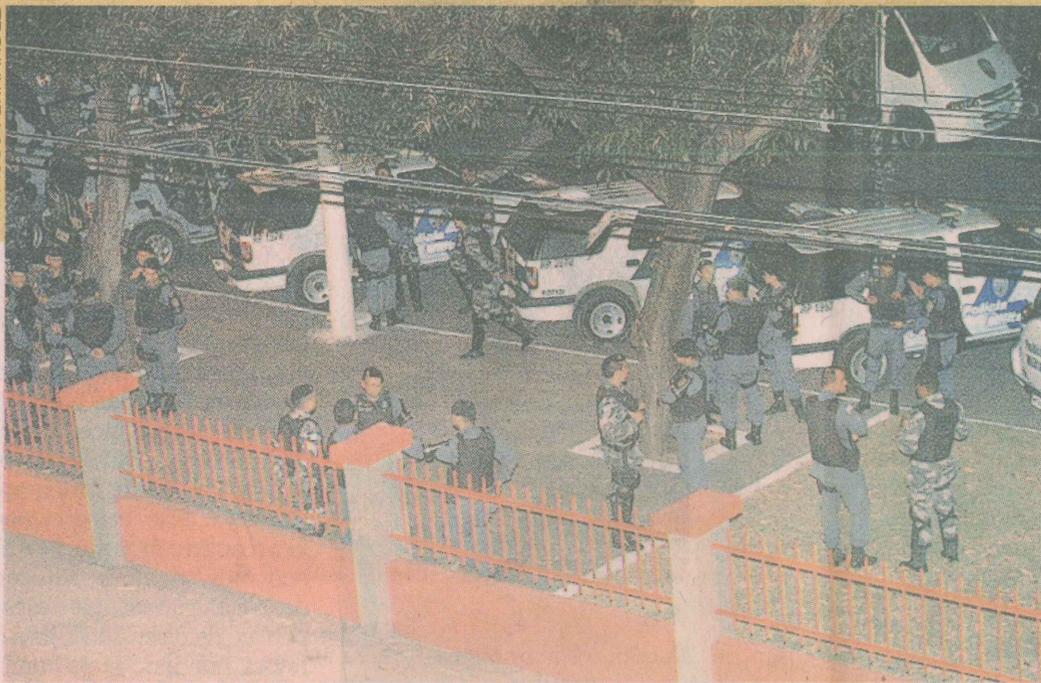
Ontem, o protesto ganhou força e transformou-se num movimento contra a repressão da polícia. Quatro mil pessoas foram mobilizadas, incluindo professores da Ufes e várias entidades, que se reuniram no campus de Goiabeiras num ato para pedir paz e protestar contra a atuação da polícia. Algumas pessoas vestiram-se de branco e carregaram flores. Quando chegaram à ponte, os estudantes comemoraram com fogos de artifício.

PONTE PARADA

1 hora sem carros

O trânsito da Terceira Ponte, no sentido Vila Velha - Vitória, ficou fechado por uma hora, para segurança dos manifestantes, que ocuparam a Praça do Pedágio, e dos motoristas.

MARCOS FERNANDEZ



Ele só queria voltar para casa. Mas acabou preso

FÁBIO VICENTINI - 02/06/2011

Vendedor de pastéis afirma que, mesmo dizendo não estar no protesto, foi jogado no chão por policiais

Chegar à própria casa depois do trabalho virou um drama para o autônomo Rafael Bins de Santana, 24, na quinta-feira. Ele passava próximo ao protesto, perto da praça do pedágio, quando foi confundido com um manifestante e preso pelo Batalhão de Missões Especiais (BME). O jovem foi liberado às 6h de ontem.

“Os policiais chegaram me jogando no chão e pisando no meu pescoço. Não adiantou dizer que não estava no protesto. Eles me trataram como bandido e agiram com violência”, reclama Santana, que vende pastéis.

Ele afirmou que apenas conversava com um grupo de pessoas quando foi abordado. “Fui algemado e colocado em um camburão. Fiquei muito assustado, pois eles diziam que todo mundo iria apanhar”, lembra.

Segundo o jovem, todos os



Rafael foi detido na noite de quinta, perto da praça do pedágio

detidos foram levados primeiro à sede do BME, em Maruípe, onde teriam sido fotografados e ameaçados. Depois, os 27 detidos foram ao DPJ de Vitória. “Ficamos encarcerados com os presos comuns. O pior é que havia menores de idade, incluindo meninas. Eles ficaram no banheiro da cela”, descreve.

A mãe de Rafael, Maria Gorete de Santana, ficou preocupada com o filho que não chegava. “Tentei ligar várias vezes

para o celular dele, mas estava desligado.” Rafael disse que os telefones foram tomados dos detidos, e só conseguiu avisar a família depois das 22h. “Eles (policiais) jogavam bombas no meio de qualquer um”, lamenta. Segundo o vice-governador, Givaldo Vieira, o caso será investigado pela PM. (Mike Figueiredo)

Depois de se concentrarem na Ufes, os manifestantes seguiram até a praça do pedágio da Terceira Ponte, onde permaneceram. A Polícia Militar estimou que cerca de 4 mil pessoas participavam do movimento, na área da ponte. Lá, após ordem do governo, policiais do Batalhão de Missões Especiais retiraram-se e foram para o Quartel dos Bombeiros, na Enseada do Suá

Madrugada na delegacia

Alguns manifestantes só foram liberados às 5h30; entre eles, havia um adolescente com passagem pela polícia

Uma noite inteira na delegacia e muita confusão. Isso foi o que 27 estudantes viveram, na madrugada de quinta para sexta-feira, depois de terem sido detidos por policiais militares durante as manifestações ocorridas próximo à praça do pedágio da Terceira Ponte, em Vitória. Eles foram levados para o DPJ de Vitória, e, entre os detidos, foi identificado um adolescente que tem passagem pela polícia por porte ilegal de arma.

De acordo com o chefe de Polícia, Joel Lyrio, quatro dos 27 estudantes assinaram um termo circunstanciado e foram liberados ainda no início da noite

de quinta. O crime cometido por eles teria sido de desacato à autoridade. Os outros detidos só foram liberados após terem sido ouvidos, e todos vão ser investigados por dano ao patrimônio público e crime contra a ordem pública. “Abrimos inquéritos para apurar a participação de cada um, e as investigações deverão ser concluídas em até 30 dias”, disse.

Para ajudar nas investigações, imagens gravadas pela Polícia Militar serão utilizadas, assim como o depoimento de testemunhas. Alguns estudantes só foram liberados às 6h da manhã de ontem. Segundo o chefe de Polícia, 14 constituíram advogados. “Muitos pais de alunos, professores universitários e até mesmo representantes dos Direitos Humanos compareceram à delegacia. O direito de todos foi garantido”, afirmou. (Priscilla Thompson)

“Nunca houve tamanha brutalidade”

Depoimento de um dos detidos, na quinta-feira

MARCIO MALACARNE

“Ontem (quinta-feira), quase 30 jovens estudantes foram barbaramente presos pelo Estado sem nenhuma acusação, entre eles, eu. Ficamos a noite toda privados de nossas vidas, jogados num canto sujo das celas do DPJ de Vitória. (...) Esses estudantes tentam uma audiência no palácio, e nunca ocorre. Depois vem mais aumento no final do

ano, e dizem que não avisamos antes (das manifestações). Fomos humilhados, fotografados, fichados, e muitos tiveram seus vídeos e fotos apagadas. (...) Nem na ditadura, nos anos 80, 90 ou mesmo em 2005, nas manifestações contra o aumento das passagens, houve tamanha brutalidade, em tão pouco período de tempo. (...) Gostaria de saber realmente quem governa o Espírito Santo.”

CONTINUA NA PÁGINA

4

A21913-2

Reitor: "O que a PM fez foi inadmissível"

Centoducatte disse que, sob nenhuma justificativa, o campus poderia ter se tornado alvo da polícia

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

"O que a polícia fez foi inadmissível", disse o vice-reitor no exercício da reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Reinaldo Centoducatte, a respeito da ação do Batalhão de Missões Especiais (BME) na tarde de quinta-feira, quando bombas de gás lacrimogênio e balas de borracha foram atiradas em direção ao campus de Goiabeiras, em Vitória.

Centoducatte afirmou que, por se tratar de uma área federal, o campus não poderia ter sido alvo da ação da Polícia Militar, sob nenhuma justificativa. A repressão aos manifestantes deu ainda mais força ao movimento, que teve início na manhã de quinta-feira, no Centro de Vitória, e continuou durante a noite, próximo à praça do pedágio da Terceira Ponte.

O vice-reitor tentou conversar com o comando do BME durante o confronto na Avenida Fernando Ferrari, mas acabou afetado por uma bomba que explodiu ao seu lado. "Não fomos informados de que isso poderia acontecer. Fui lá para ver o que estava acontecendo. A fumaça era tanta que chegou a prédios mais afastados da entrada, como o da reitoria. Ao tentar falar com os policiais, fui surpreendido com uma bomba. Tive que sair de perto, sentindo mal estar", disse.

SURPRESA

No momento do confronto, crianças de escolas municipais assistiam a uma pe-



Ontem, os estudantes saíram em marcha da Ufes até a Terceira Ponte, com cartazes e flores, contra a violência do dia anterior

alunos que estavam no local.

Na manifestação da tarde, os estudantes correram para dentro da Ufes buscando proteção. No entanto, continuaram jogando pedras em direção à polícia, que não cedeu mesmo diante da liberação total das pistas da Avenida Fernando Ferrari.

Agora, Centoducatte afirma que vai acionar a Procuradoria Federal para saber quais medidas devem ser tomadas a respeito da ação policial. Professo-



FOTOS: BERNARDO COUTINHO

Especialistas condenam ação do BME na Ufes

Para juiz, área deveria ter sido isolada; já o instrutor da SWAT, Marcos do Val, diz que houve excessos

O presidente do Centro Avançado em Técnicas de Imobilização (Cati) e instrutor da SWAT, Marcos do Val, avalia que a ação do Batalhão de Missões Especiais (BME) foi necessária e correta para conter a manifestação dos estudantes, que fecharam vias, na quinta-feira, em Vitória. No entanto, considerou excessiva a ação realizada no campus da Ufes e a intimidação feita por policiais à paisana, que mostraram armas de fogo aos manifestantes.

"Certamente o BME foi acionado porque não havia possibilidade de encontrar outro desfecho para a situação, naquele momento. Trata-se de uma equipe especializada nesse tipo de conflito. Mas os policiais não deveriam ter ultrapassado as fronteiras da universidade", diz.

Sobre a intimidação com armas de fogo afirma que ela é "irregular". "Muitas vezes, no calor do momento, o policial acaba se envolvendo na ocorrência. Esse ato mostra o despreparo do policial".

AUTORIZAÇÃO

O professor de Direito Constitucional Daury Cesar Fabriz, reafirma que o BME não poderia ter agido dentro do campus mesmo não tendo, efetivamente, entrado no

Professores se unem ao grupo contra uso da força

Professores de vários cursos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) participaram da manifestação ontem em repúdio à repressão policial.

AJ 21913 3

Governo diz que não errou

Para vice-governador, ação da PM não foi excessiva, e força voltará a ser usada se for necessário

MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redegazeta.com.br

“Sempre tentamos manter o diálogo, mas infelizmente houve momentos em que foi necessário que a polícia liberasse as avenidas da manifestação”, frisou, ontem, o vice-governador Givaldo Vieira sobre o protesto de estudantes e outros manifestantes em prol da ampliação do passe livre nos ônibus e pela redução no valor das passagens.

Segundo Vieira, a Polícia Militar está investigando se houve algum excesso por parte de policiais, na quinta-feira. “O que posso dizer é que o governo atuou de forma a defender o interesse de mais de 1,5 milhão de habitantes prejudicados”, alerta o vice-governador.

Ele explica que o Batalhão de Missões Especiais (BME)

agiu com a intenção de liberar a pista dos manifestantes. “Em situações como a de ontem (quinta), o BME atua para dispersar o movimento. Primeiro avisa que vai agir e dá um tempo para que o protesto acabe. Depois, lança as bombas de

efeito moral. Mas, no caso dos estudantes, eles devolveram com pedras, o que forçou os policiais a atirarem balas de borracha a quem continuava reagindo”, relata Vieira.

O vice-governador não avalia a ação da polícia como excessiva

e frisa que ela pode voltar a ser usada caso o movimento desrespeite os direitos do cidadão. “Nossa intenção é manter a conversa com o grupo desde que ele respeite o que foi combinado. Havendo excesso, a polícia tomará providências”, alertou. Ontem à noite, o BME recebeu a ordem de voltar ao quartel, obrigando a Rodosol a liberar as cancelas da praça do pedágio, ocupada pelos manifestantes.

Segundo ele, a ordem para que o Batalhão agisse na manhã, na tarde e na noite de ontem, com intenção de dispersar a manifestação da quinta-feira, foi dada pela Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp). “Ontem (quinta), permiti que a Sesp adotasse a medida que fosse necessária”, afirmou Vieira.

O vice-governador explica que tentou negociar com os manifestantes na quinta pela manhã, mas eles não liberaram as vias do Centro, como combinado, e enfrentaram o BME. “Hoje (ontem), preferimos adiantar tudo. Queremos agir para evitar novos confrontos.”

A nota oficial

Mensagem divulgada pelo governo estadual ontem à noite

“Devido aos tumultos causados pela manifestação em Vitória, o Governo do Espírito Santo, depois de esgotar as tentativas de entendimento e diálogo, se viu obrigado a agir com rigor para garantir a ordem pública e o direito de ir e vir dos cidadãos. Os excessos cometidos pelos manifestantes, ao paralisar o trânsito na Capital e em boa parte da Grande Vitória, geraram enormes prejuízos e penalizaram toda a

população. O Governo reconhece o direito dos cidadãos de manifestar livremente suas opiniões, e continua aberto ao diálogo franco e responsável com todas as forças organizadas da sociedade. Mas reafirma a determinação de não permitir que manifestações comprometam a segurança, a mobilidade e o bem-estar da coletividade. Pois este é seu dever constitucional e seu compromisso com as famílias capixabas.”

EDSON CHAGAS - 01/12/2010



O governo está à disposição. Nós vamos manter o diálogo, desde que seja respeitado o que foi combinado: nada de excessos”

Givaldo Vieira, vice-governador do Estado

Só saímos da reunião com uma retratação do governo sobre o abuso no uso da força policial contra manifestantes”

Fábio Lúcio Barros Oliveira
Secretário-geral do Grêmio Estudantil Rui Barbosa, do Ifes, durante a reunião

Entidades estudantis acusam a polícia de abusar da força

UNE, Ubes e Grêmio do Ifes, no entanto, também criticam o método dos manifestantes

Antes mesmo de começar a reunião com o Estado, lideranças estudantis e de entidades sociais demonstravam apoio aos manifestantes que defen-

dem a redução da passagem e a ampliação do passe livre no transporte. Apesar de algumas críticas à forma como o movimento agiu, eles acusam a polícia de abuso na força usada.

“Uma aluna passou por pequena cirurgia após levar uma bala de borracha no pescoço. E nem estava na manifestação”, frisa o estudante de Psicologia e diretor do Diretório Central dos

Estudantes (DCE) da Ufes, José Anezio Fernandes.

Segundo ele, o grupo reúne-se há meses e agendou a manifestação da última quinta-feira desde abril. “Era para ser o último protesto, para a gente só voltar no final do ano, quando começam a negociar um novo aumento na passagem. Mas vamos às ruas criticar essa truculência policial”, explicou.

A União Nacional dos Estudantes (UNE), a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) e o Grêmio Estudantil Rui Barbosa, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), também criticam a ação da polícia, mas não concordam com as táticas dos manifestantes. “Sem uma liderança, o grupo prejudicou a sociedade”, frisa Sara Cavalcante, diretora da UNE.

“**A nossa divergência com o movimento de ontem (quinta-feira) se refere ao método aplicado pelos manifestantes. Nós defendemos e estamos do lado dos estudantes. Mas as ações, nesse dia, foram de um grupo inconsequente”**

Sara Cavalcante
Diretora regional da UNE